

Teatro Novo (1766)

Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, (185-222)

Actores

186

Aprígio Fafes, pai de Aldonsa e Branca
Aldonsa e Branca, filhas de Aprígio Fafes
Artur Bigodes, mineiro e compadre de Aprígio
Jofre Gavino, músico e mestre de Aldonsa
Inigo, actor
Brás, licenciado
Monsieur Arnaldo, arquitecto
Doutor Gil Leinel, poeta.

CENA I

187

Aprígio Fafes, Aldonsa e Branca

Aprígio Fafes Mil vezes, filhas, já vos tenho dito
que noite e dia penso e que repenso
em estado vos dar, o céu bem sabe,
e bem o sabeis vós, quanto o desejo;
mas o tempo correu-me tão avesso,
tão contrário às magníficas ideas,
que não acho um piúga a que se possa
empurrar uma filha sem mais dote
que seus olhos azuis, louros cabelos.

Aldonsa Solteiras e contigo viviremos
honradas e contentes.

188

Aprígio Fafes Caras filhas,
este emprego de zângano que tenho,
com a alcunha de corretor dourado,
de todo deu em droga, está perdido.
A cada canto um mirra topa a gente,
tão casado co a burra e tão cioso
dos lacrados cartuxos que primeiro
calado deixará vazar-lhe um olho
que pregar-lhe um calote, não se atreve
a bulir nos dobrões, dos próprios dedos
desconfia e se dói, os chicos guarda
quais medalhas dos Césares antigos.

- Branca Inda, meu pai, te não pedimos dote;
deixa correr o tempo, casaremos.
- Aprígio Fafes Algum dia (que tempo venturoso!)
de lá de cima vinham a cardumes
escudeiros serris, rolhos morgados
com solares no côncavo da lua,
pousavam na Betesga ou no Cachimbo
e mandavam chamar-me logo, logo
por um lacaio ou pajem de polainas,
o bisonho jangaz me descobria
o fraco de seu amo, eu lhe levava
relógios, espadins, outras missangas,
tudo o boçal jalofo cobiçava;
tudo se lhe vendia à queima roupa,
gato por lebre, eu mesmo vi um destes
por três dobras pagar uma pintura
do Zêuxis do Castelo, e mui sisudo
jurar que era o painel de Ticiano.
Mas tudo o tempo gasta, tudo leva.
- Aldonsa Hoje os mesmos caloiros são ladinos.
- Branca Capazes de lograr-nos.
- Aprígio Fafes Porém, filhas,
quando mais desatados rijos ventos
pela breada enxárcia silvam, quando
o mar no fundo muge, então nos topes
aparece Santelmo aos navegantes.
Descoberto já tenho outro caminho
de em breve enriquecer e de casar-vos,
ajustei uma nova companhia
de cómicos e músicos chapados,
por via de teu mestre, minha Aldonsa,
do bom Jofre Gavino. Também nela
Inigo quer entrar, esta notícia
bem creio, Branca, não te desagrada.
Para a despesa do teatro novo
o dinheiro me empresta meu compadre,
o grande Artur Bigodes, que na frota
veio há pouco do Rio; e vem potente,
traz infindo dinheiro, papagaios,
araras e bugios; traz mil cousas.
- Aldonsa Bom proveito lhe faça, e que tiramos
de rico ou pobre vir um avarento?

189

190

Aprígio Fafes O bico tem revolto; mas podemos
o velo tosquiar-lhe com bom jeito,
finge tu, minha Aldonsa, que lhe queres;
chora, suspira, ri-te, a mão lhe beija,
expõe-lhe o desamparo em que ficaste
e tua irmã, por morte de Mafalda,
boa mãe de vocês, dele comadre.

Aldonsa Triste empresa, meu pai! E na verdade
que fingir-me não sei; mas, quando saiba,
um velho tão sagaz e tão matreiro
não cai em esparrelas.

Aprígio Fafes Velhos, moços,
em todos igualmente se descobrem
as tiranas paixões, a pouca força
da pobre natureza.

Aldonsa De que modo
posso vencer o natural antojo
que me domina em vendo arregalados
dum velho destes os sumidos olhos?

Branca Antes, querida mana, nada custa
enganá-los, rendê-los; que esta gente
com pouco se contenta, um leve riso,
qualquer agrado os enche de vaidade.

Aprígio Fafes Tu, Branca, és minha filha; tu saíste
a tua mãe, cigana refinada
que as almas atraía, era esta casa,
enquanto viva foi, era uma corte;
grandes, pequenos, todos aqui vinham
beijar a pedra d'ara; as carruagens
não cabiam na rua, mal entravam
uns, outros já saíam. Que matrona!
Sempre te carpirei, alma ditosa,
honra e glória dos Fafes! Porém, filhas,
quem morreu já morreu, nós que ficámos
façamos por viver; e não se vive
sem a fome matar.

Aldonsa Sim; mas a mana
sabe contrafazer-se, que eu não posso.

Aprígio Fafes Aldonsa, Aldonsa, que resposta é essa?
Assim pagas o amor com que te trato?

Branca Meu pai, a mana zomba; descansado
podes cuidar no mais, que o velho é nosso.

191

192

Aprígio Fafes Aldonsa, filha minha, ao velho, ao velho,
se alívio queres dar a um pai cansado
que tanto bem te quer e que deseja
ver-te casada cum senhor de terras,
rodando pelas ruas de Lisboa
em dourado carrinho, inda que berre
o triste correeiro que, bom homem,
acreditou a lábia do morgado.
Mas vão vocês compor-se e vão vestir-se
para mais engodá-lo. Ei-lo que chega,
vão-se que logo as chamo.

CENA II
Artur Bigodes e Aprígio Fafes

193

Aprígio Fafes Meu compadre,
cuidei que já não vinhas.

Artur Bigodes Essa é boa!
Eu sou Pilatos; o que digo, digo,
pão, pão, queijo por queijo, Artur Bigodes
tem palavra de inglês.

Aprígio Fafes Assaz conheço
o muito que te devo, e que me dizes
do projecto de que tratámos ontem?

Artur Bigodes Amigo, amigo Fafes, o negócio
seus laivos tem de jogo; quasi sempre
vale mais a fortuna que a ciência,
o coração presago é o piloto
com que se arroja ao mar quem Deos ajuda,
há delgado chatim que mal entende
que dous e três são cinco, e sempre ganha,
ou no contrato lance ou na comenda,
e quantos vemos nós com guarda-livros,
com seiscentos caixeiros ziques-ziques
dar cos bodes na area e nas esquinas
o bom nome servir-lhes de epitáfio!
Mas deixando preâmbulos, aprovo
a idea do teatro; é bom projecto;
o ponto só consiste em desbancarmos
o da rua do Conde e Bairro Alto.

194

Aprígio Fafes Senhor Artur Bigodes, meu compadre,
quem tem tão bom amigo não duvida
de abalançar-se à mais custosa empresa,
este meu tal e qual pouco bestunto
o trago prenhe sempre e recheado
de soberbas ideas; mas não tinha
calor bastante na mirrada bolsa
para o braço chegar a executá-las.
O céu bem sabe quantas vezes, quantas,
vociferando, disse, em hora infausta,
por longos mares, dentre nós fugindo
se ausentou meu compadre Artur Bigodes,
coração de Alexandre, farto amigo,
pé-de-boi português; mal empregado
nos desertos sertões dessas Arábias,
entre gente boçal, entre bugios!

Artur Bigodes Manso, fiel amigo, essas lisonjas
carapuça não são desta cabeça;
sou amigo e compadre; isto me basta;
Faço o que devo, vamos adiante.

Aprígio Fafes Tanto que a frota veio, uma alma nova
senti pular no peito; a fantasia
entrou a erguer palácios e castelos,
vi dragos, serpes vi, quando sonhava
Vologeso e Catão me apareciam
com punhais e cadeas, acordava
aturdido de caixas e trombetas,
estes e outros projectos me inspiraram
a idea de um teatro, eu sempre tive
bom dedo para a cousa, fiz marmotas;
várias Famas vesti e Cruz-diabos
para os círios do Cabo e d'Atalaia.

Artur Bigodes O dinheiro está pronto; agora falta
quem nos arme a charola.

Aprígio Fafes Caro amigo,
a teu arbítrio entrego e deixo tudo.

Artur Bigodes A mim, Aprígio? Fora; não sou desses
que emprestando dinheiro com usura
dão mil regras depois de economia
ao pobre padecente; que corrido
como cão com funil atado ao rabo,
vai ladrando e fugindo à surriada.

- Aprígio Fafes Sempre graça tiveste, apalavrados
alguns sujeitos tenho inteligentes,
arquitecto, poeta, bons actores,
um músico chapado; e para damas
as minhas duas filhas, Branca e Aldonsa,
ambas filhas de peixe, ambas formosas. 196
- Artur Bigodes Pois isso é ouro sobre azul; que o povo
ou dorme ou ri, se vê uma tapuia
arrancando suspiros emprestados
torcer os vessos olhos e mostrar-nos
abrindo a negra boca, que é cerrada.
Eu empresto o dinheiro; mas declaro
que isto se entende em quanto as damas forem
engraçadas, formosas e bem feitas;
que para vir gastá-lo com serpentes
não o ganhei, passando tantos dias
por duros morros, por incultas fragas,
talvez comendo carne de macacos.
- Aprígio Fafes Basta, compadre, basta; as minhas filhas
muito bem sabes como são galantes;
Aldonsa há de fazer primeira dama,
Branca a segunda, tu verás pendentos
de seus travessos olhos todo o povo,
tantos os corações, tantas as Tróias,
em amoroso incêndio chamejando,
tu mesmo, meu compadre, sem remédio
apesar dessas cãs, embaraçado
hás de sentir-te na vulcânea rede. 197
- Artur Bigodes Eu não sou tão sisudo nem tão velho
que viva por demais; enfim, sou homem;
nem tive nunca coração de pedra
e pouco bastará para mover-me;
muito mais as paixões que docemente
os ânimos revolvem.
- Aprígio Fafes Ora vou-me
chamar a nossa gente, para vermos
em que alturas estamos, entretanto
te chamo as raparigas. Branca! Branca!
Aldonsa! Venham cá. Adeus, compadre. (Vai-se)

CENA III

Aldonsa, Branca e Artur Bigodes

Artur Bigodes Como formosa vens, Aldonsa bela!
Em teus olhos fuzila a luz dos astros,
ao menos deste mundo cá de dentro,
és tu o claro sol, tu és a aurora.
Oh quanto, filha minha (sim, que filha
bem te posso chamar) oh quanto sinto
que os anos me roubassem todo o lustre
da fresca mocidade! Que os invernos,
nesta gelada estriga convertessem
a brilhante madeixa que algum dia
dourados caracóis por estes ombros
ao zéfiro entregava! Oh se eu pudesse
banhar-me no Jordão, e remoçando
dar-te um gentil mancebo por marido!

198

Aldonsa Sempre brincando vem o meu padrinho.

Branca Senhor Artur Bigodes, como passa?

Artur Bigodes Mui bem, senhora Branca. Ouves, Aldonsa?
Eu não brinco, antes falo bem de veras.

Branca Pois a mana, senhor, essa não zomba,
noite e dia conversa em seu padrinho;
não fala noutra cousa, quantas vezes
se à porta batem vai correndo à porta;
e porque dá com outro, do semblante
a cor lhe amarelece; e recuando
sobressaltada, diz que não é ele.

Artur Bigodes Quão feliz, minha Branca, e quão ditoso,
se isso verdade fora, me julgara!
Inda porém Aldonsa mo não disse
para tão fácil ser que me arreganhe.
Que dizes, bela Aldonsa, aquilo é certo?

199

Aldonsa A mana não te engana nem te mente,
mas se te adoro, deverei dizê-lo?

Artur Bigodes Deveras, deveras, que essa inocente,
suave inclinação em nada ofende
a modéstia, o decoro; inda que custa
à moça mais amante o confessá-lo,
posto que honesto fim lho aprove e doure.

Aldonsa Pois vive descansado que te quero.

Branca Eu dou-lhe os parabéns, senhor Bigodes.

- Artur Bigodes Eu os aceito, Branca. Minha Aldonsa,
que nunca me enganei com os teus olhos
agora o chego a ver; neles ao longe
muito há que descobri um brando gesto
que n'alma me bulia; mas atado
ao pesado trambolho de meus anos,
lutando aflito com setenta invernos,
por mais que ardiam férvidos desejos
capazes de animar a fria pedra, 200
tiritando com medo, enregelava,
porque um homem qu' é sério e qu' é prudente,
antes se humilha a parecer covarde
que levar na bochecha uma apupada
destas rascoas de hoje, presumidas,
que buscam Tamorlões, imperadores,
franchinotes, casquilhos e poetas
para ao depois berrarem com ciúmes
sem achar cabeções com que os subjuguem,
tu és, Aldonsa, a excepção da regra,
amável, linda, cândida, inocente,
qual rosa pudibunda em manhã fresca
que da rústica mão do jardineiro
deixa talhar o pé, deixa colher-se.
- Aldonsa Tão estranhos, tão grandes elogios
não chego a merecer; antes conheço
que a maior parte da fortuna é minha,
uma pobre donzela, sem mais dote
que seu singelo amor, em nossos dias
mui pouco ou nada vale, sem riqueza
quem sofre a formosura? São costumes,
honrado sangue, angélico semblante,
não namoram os noivos deste tempo.
- Branca Maior favor te faz o teu padrinho.
- Aldonsa Assim, mana, o confesso, assim lho digo.

CENA IV 201
Aprígio Fafes, Jofre Gavino, Inigo e os mesmos

- Aprígio Fafes Aqui trago, compadre, estes senhores,
ambos um *non plus ultra* do teatro,
são músicos, actores, dançarinos,

- grandes poetas, tudo ao mesmo tempo,
são dous tomos de rara miscelânea.
Em ambos quis mostrar a natureza
que sabia fazer uma obra-prima.
O senhor Jofre, quando as árias canta
as almas arripia, cala os ventos.
Pois o mancebo cá, o meu Inigo!
Este vivo bemol, este magano,
nos lances amorosos é um pasmo!
- Artur Bigodes Ambos bem me parecem, gentis moços!
Jofre Gavino Sou antigo criado desta casa,
e mestre da senhora dona Aldonsa;
por tão honrado título me julgo
merecedor de grandes elogios.
- Artur Bigodes Logo o mestre saiu o mais esbelto! 202
Inigo Eu não posso alegar antiguidades
mas vou também na folha, venturoso,
se de aplauso e favor me vejo digno,
apesar de não ter merecimento.
- Artur Bigodes Ambos discretos são.
Aprígio Fafes Mais que discretos!
São os melhores Cíceros da corte,
capazes de prègar! Aqui o amigo,
um drama já compôs. Logo o veremos.
- Inigo Dize-me, Branca, que Afonsinho é este?
Branca É padrinho da mana.
- Artur Bigodes O senhor Jofre
quanto tempo há qu'ensina nesta casa?
Jofre Gavino Há já três anos, pouco mais ou menos.
- Artur Bigodes Com que três anos há que nesta casa 203
tem entrada o senhor!
- Aprígio Fafes Ai, meu compadre,
tu cuidas qu'inda tão alarves somos
como no tempo em que daqui te foste?
Já lá vão os biocos portugueses,
mourisca usança, bárbaro ciúme,
que uma pobre mulher aferrolhava
quais se guardam frenéticos orates,
há gente mais feliz! Outros costumes
adoptou a nação, abriu os olhos.
- Artur Bigodes Eu cuido que os tapou.
Branca Que rabugento!

Jofre Gavino Adeus, senhor Aprígio.
Aldonsa Espera, Jofre.
Jofre Gavino Que espere! Para quê?
Aprígio Fafes Para tratarmos 204
deste novo teatro.
Jofre Gavino Que teatro?
Com este pregador, mandas chamar-me
para ouvir a missão de um Carioca?
Artur Bigodes Olhem lá se se dói da matadura.
Inigo Não desespere, Jofre; tem prudência.

CENA V
Gil Leinel e os mesmos

Gil Leinel Senhor Aprígio Fafes, aqui venho
cumprir as suas ordens.
Aprígio Fafes Caro amigo,
Homero português, Píndaro nosso,
já cá te suspirava, vem contigo
as musas, vem as graças.
Gil Leinel Basta, basta, 205
não estamos nós outros os poetas
a fartos elogios costumados,
os mesmos que nos pedem um soneto
para render a dama desdenhosa,
ou os anos louvar de uma abadessa,
depois de ter campado por discreto
à custa de um poeta, sem vergonha
juram que são uns doudos os poetas.

CENA VI
Licenciado Brás, Monsieur Arnaldo e os ditos

Brás Amigo Aprígio Fafes, aqui trago
Monsieur Arnaldo, prático arquitecto,
o Pozzi, Paradossi e Bibiena
traz ali no hemicrânio; a perspectiva
na pineal lhe velica com tal força
que em cada pulsação da traca artéria
um teatro magnífico levanta.

- Aprígio Fafes Viva, viva, senhor Arnaldo, agora
que estamos todos juntos, comecemos
a nossa conferência, venha a banca,
você não ouve? Tragam mais cadeiras. 206
- Artur Bigodes Quero que a par de mim se assente Aldonsa.
Branca (para Inigo) Queres qu'eu fique cá da outra banda?
Jofre Gavino Para bem, para bem, senhora Aldonsa.
Aldonsa Se tu souberas, Jofre...
Jofre Gavino Bem entendo.
Inigo Que te parece, Branca, o Tupinamba?
Branca Velho e relho.
- Aprígio Fafes Sentemo-nos, senhores,
que grave tribunal! Que majestoso!
Mal sabe o mundo agora, que pendente
deste conclave está o seu destino.
Oh quanto, amada pátria, quanto deves
a teu bom cidadão Aprígio Fafes
suando e tressuando por salvar-te
do pélago profundo da ignorância
onde pobre jazias, atolada
entre péssimos dramas corriqueiros!
Deste cano real hoje te saco
qual saca o gandaeiro um prego torto
dentre os chichelos velhos da enxurrada. 207
- Gil Leinel Senhor Aprígio Fafes, isto é tarde
e eu tenho que fazer, vamos ao ponto.
- Aprígio Fafes Sim senhor, sim senhor, o caso é este,
e bem o sabeis vós, há quanto tempo
que eu desejo fundar um bom teatro,
agora que a fortuna me depara
feliz ocasião de executá-lo
com o favor ali de meu compadre
é preciso ajuntar a sarabanda
repartir os papéis, escolher obra
as vistas idear, e celebrarmos
com solene escritura este contrato.
- Gil Leinel Senhor Aprígio Fafes, o teatro
depende, mais que tudo, do poeta,
que fazem bastidores e instrumentos
sem dramas regulares? Uma boa
e perfeita tragédia, inda despida
da magnífica pompa do aparato 208

tem mais graça e mais força que um mau drama
no Teatro de Reggio ou de Veneza
com soberbas tramóias recitado.

Jofre Gavino Amigo Gil Leinel, ninguém te nega
o constante poder da poesia,
mas quem há de sofrer Catão ou Dido
do grande Metastásio, repetido
entre velhas cortinas, sem orquestra?

Aprígio Fafes Nada, nada, senhores; desse modo
aqui nos amanhece, todos juntos
não podemos falar, irá votando
por turno cada qual quando lhe toque.
Continua, meu Gil, dize o que entendes.

Gil Leinel Errado vai quem julga que o teatro
só para divertir o povo rude
dos antigos poetas foi achado.
Com mais alto desígnio Atenas, Roma
e outras cidades mil o receberam,
pode nele ensinar-se à mocidade
guardar as santas leis, a fé devida
à cara pátria, ao príncipe, aos amigos;
pode nele mostrar-se quanto é feio
o pálido semblante da cobiça
da avareza infeliz, da triste inveja.
Mas para recolher tão grande fruto
é necessário, Aprígio, que o poeta
em sisuda dicção, em frase nobre
com sonoro verso torneado
exponha ao povo fábulas sublimes
tragédias ou comédias regulares.
Daqui venho a tirar que no teatro
não devemos sofrer drama imperfeito
cuja graça consiste na doçura
d'afeminada música moderna,
na remendada frase de mil vozes
bárbaras ou guindadas ou rasteiras.
Longe, longe de nós esta mania,
restauremos o português teatro
desagravando a casta língua nossa
dos aleivos que sem razão lhe assacam.

Aprígio Fafes Viva o Doutor Leinel, Doutor das gentes,
quem me dera qu'o bom Goldoni ouvisse

como ronca um poeta de Lisboa!
Agora fala Brás licenciado.

Brás Eu que posso dizer? Que me parece
muito mal tudo quanto aqui se disse.
Que proveito tiramos em meter-nos
no princípio em camisa de onze varas?
Tragédia é cousa que ninguém atura,
quem ao teatro vem vem divertir-se
quer rir e não chorar; lá vai o tempo
de lágrimas comprar às carpideiras,
não faltam boas óperas, comédias
em francês, italiano, em outras línguas,
que pode traduzir qualquer pessoa,
com enredo mais cómico; que o povo
só se agrada de lances sobre lances.
Quem isto não fizer jamais espere
que o povo diga bravo e dê palmadas.
É o voto que dou.

210

Aprígio Fafes Optimamente.

Arnaldo, agora vota.

Arnaldo Meus senhores,
venho ajustar o preço do teatro;
com dramas não me meto, os bastidores
é só o que me toca. Porém digo
que regular tragédia nas Itálias
muito há que se não usa; que a mudança
de vistas sobre vistas, as tramóias,
mares, incêndios, dragos e batalhas
são cousas de que o povo se namora.
Já eu fiz em teatro torvoadas
com raios e relâmpagos tão próprios
que as damas desmaiavam, era um gosto
ver a gente fugir dos camarotes
espantada, bradar misericórdia.

Aldonsa Negro gosto! Quem pode divertir-se
co a pavorosa cena de um flagelo?

211

Branca Bom architecto! Mágico parece.

Aprígio Fafes Calai-vos, filhas. Vote agora Inigo.

Inigo Muito dizer podia, pois que tenho
experiência bastante de teatros;
actor de profissão, isto me basta,
e também, senhor Gil, o louro Apolo

de comigo tratar não se envergonha,
mas por não demorar a conferência
em branco assinarei; estou por tudo.

Artur Bigodes O cão é mouro.

Aprígio Fafes Inigo, desabafa;
dize quanto souberes, fala, fala,
és a coluna do teatro novo.

Inigo Pois se devo falar, digo, senhores
que o teatro sem dança pouco vale
muito menos sem música. Podia
quem a glória quisesse de primeiro
pôr no teatro as óperas cantadas
na língua portuguesa, eu aqui trago
uma por mim composta neste gosto.
É a perda de Tróia, vê-se Eneas
sair co pai às costas, vai Ascânio
com os caros penates abraçado,
arde a cidade, caem as altas torres
embarca a gente frígia, muitos anos
por inóspito mar andam vagando
até que surgem no distante Lácio
onde Eneas a Turno tira a vida
e casa com Lavínia.

Aprígio Fafes Bravo! Bravo!

Inigo Tem vários duos, árias, cavatinas,
eu cuido que desbanco a Metastásio.

Branca Agora sigo-me eu.

Aprígio Fafes Espera, Branca.
perdoa, amigo Jofre, que a memória
principia a faltar-me, preterido
por engano ficaste e bem podias
pedir a tua vez. Perdoa e fala.

Jofre Gavino Em tal não reparei, eu sou sincero
digo o que entendo e cuido qu'o teatro
sem música e sem dança nada vale,
há cousa mais formosa que a ligeira
calada pantomima, cujos gestos,
sem auxílio das vozes, representam
recônditas paixões, mudos suspiros
que entende o coração, ouvem os olhos?
Que melhor espectáculo que os leves
grandes saltos mortais? Que ver nos ares

212

213

- bater cos calcanhares oito vezes
torcer o corpo e revirar os braços?
Mas nunca votarei em que façamos
ópera em português toda cantada,
para tanto não é a língua nossa,
algumas árias, duos, recitados
se podem tolerar; o mais em prosa,
para o teatro nós não temos verso.
- Aprígio Fafes Falas como um Catão. Que dizes, Branca?
Branca Eu sou de parecer que só se façam
as portuguesas óperas impressas,
*Encantos de Medeia, Precipícios
de Faetonte, Alecrim e Manjerona*,
em outras nunca achei galantaria.
- Aprígio Fafes Esse voto era digno de mais anos. 214
A ti, amigo Artur, que te parece?
- Artur Bigodes Que podem parecer-me tais loucuras?
Estou tonto de ouvir estes senhores!
Parece-me que estou entre paulistas
que arrotando congonha me aturdiam
co a fabulosa ilustre descendência
de seus claros avós que de cá foram
em jaleco e ceroulas. Mas pergunto,
as comédias de Calderón, Moreto,
Candamo e Salazar, isso não presta?
Tem bichos, meus senhores? Tanta gente,
imperadores, reis, infantes, duques,
os condes e os marqueses qu'as ouviam
com gosto e com prazer, eram uns asnos?
Só estes, meus senhores, tem juízo?
Que Colombos e Gamas denodados
para achar novos climas, novos mares!
Pois digo-vos que só se a minha Aldonsa
for de contrário voto, o meu dinheiro
servirá para as bárbaras ideas
de que prenhes trazeis essas cabeças.
- Aprígio Fafes Aldonsa, minha Aldonsa, que nos dizes?
Aldonsa Eu digo que me louvo no teu voto. 215
Gil Leinel Fala, formosa Aldonsa, tu bem sabes
quais são as leis e regras do teatro.
Aldonsa Não aceito a lisonja; porém digo
qu'enfim aprovo quanto tu votaste.

- Aprígio Fafes Eu que tenho dous votos digo o mesmo.
Artur Bigodes Acabou-se a questão; vivamos todos.
Aprígio Fafes Agora, amigo Gil, que obra faremos?
Gil Leinel Eu tenho vários dramas traduzidos
de Sófocles, d'Eurípides, Terêncio.
Aprígio Fafes Nada de grego, nada; fora, fora,
sempre te ouvi dizer que eles não tinham
os lances amorosos de que gosta
o povo português.
- Gil Leinel Queres a Castro, 216
tragédia do Ferreira?
- Aprígio Fafes Deos me livre!
Amigo Gil Leinel, eu desejava
um drama teu, conheço nesses olhos
a suave ternura de teus versos.
- Gil Leinel Pois, amigo, encetemos o teatro
com a minha Ifigénia.
- Aprígio Fafes Belo nome!
Isso é que eu chamo título arrogante
e que em vermelhas letras nas esquinas
há de pescar curiosos a cardumes.
Repartam-se os papéis; vamos a isso.
- Gil Leinel Ifigénia será Aldonsa bela.
Aldonsa É extenso o papel?
Gil Leinel Não; é pequeno.
O senhor Jofre seja Aquiles, seja...
- Artur Bigodes Espere; tenha mão, senhor poeta; 217
veja como reparte essas garrochas,
o primeiro galã a mim me toca.
- Gil Leinel Não pode ser, galã; hás de ser barbas.
Artur Bigodes Eu, barbas! Eu que empresto o meu dinheiro!
Gil Leinel E que tem o dinheiro co a figura?
Um velho nunca pode ser mancebo?
- Artur Bigodes Senhor poeta Gil, faça-me graça
e ponha-se na rua. (Levantam-se todos.)
- Aprígio Fafes Artur... amigo...
onde está a prudência desses anos?
- Artur Bigodes Quais anos. *Antes que todo es mi dama*,
Aldonsa não a largo; tenho dito.
- Jofre Gavino Que tal, senhora Aldonsa?
Aldonsa Escuta, Jofre. 218

Branca Senhor Artur Bigodes, não se engrile;
será o que quiser, quer ser Aquiles?
Brás Arnaldo amigo, vamo-nos safando,
que isto não pára aqui.
Arnaldo É gente douda. (Vão-se os dous.)

CENA VII
Todos, menos os dois

Aprígio Fafes Oh paz, serena paz! Que nos deixaste,
e abrindo as brancas asas te sumiste!
Inspira-me palavras com que possa
o velho sossegar incarniado.
Amigo Artur Bigodes, que me perdes!
Artur Bigodes Queria o Doutor Gil, esse barbicas,
poeta bordalengo, desfraudar-me
d'ametade de mim! Fora co talho! 219
Inigo Jofre amigo, despede-te de Aldonsa.
Gil Leinel Amigo Aprígio Fafes, eu atendo
ao respeito devido à tua casa;
por isso não respondo a tais injúrias.
Artur Bigodes Adeus, senhor poeta; faça versos
às moças do seu bairro; não se meta
a padre cura de outra freguesia.
Gil Leinel Senhor Artur Bigodes, falaremos. (Vai-se)

CENA VIII
Os mesmos, menos Gil Leinel

Jofre Gavino Adeus, ingrata Aldonsa.
Aldonsa Ouve-me, Jofre.
Jofre Gavino Não venho do Brasil; eu cá sou pobre. 220
Branca A mana não tem culpa, crê-me, Jofre.
Artur Bigodes Senhor mestre de solfa, vá-se embora,
que esta menina toma agora estado
e vai senhora ser da sua casa.
Inigo Branca, o mineiro cuida que esta casa
é senzala ou pocilga de crioulos.
Inigo Assim convém, assim melhor se encrava.

- Aprígio Fafes Amigo Artur, as noivas não costumam os mestres despedir, levam consigo cravo, livros de solfa. O mestre atento vai logo no outro dia visitá-la.
- Artur Bigodes Se for a minha casa, hei de parti-lo.
Jofre Gavino Sim, barbas lhe deu Maio. Adeus Aprígio. (Vai-se)
- Aldonsa Infausta sede de ouro, a quanto obrigas a cara liberdade! O puro afecto a duro cativoiro hoje condenas!
- Artur Bigodes Amigo Aprígio Fafes, de teatro bem te podes deixar; assaz nos bastam os teatros que temos em Lisboa, nem tudo há de ser óperas ou comédia. Eu caso com Aldonsa e doto Branca, o noivo, lá o busca; pois conheces os bonifrates de chapéu pequeno, de rabicho e casacas estiradas de que gostam as moças deste tempo.
- Aprígio Fafes Ali Inigo está, que para genro deseja de comprá-lo a mesma Tétis.
Inigo Que ventura maior! Branca, que dizes?
Branca Bem sabes o que posso responder-te, se de antigos extremos não te esqueces.
- Aprígio Fafes Inda o fado não quer, inda não chega a época feliz e suspirada de lançar do teatro alheias musas de restaurar a cena portuguesa. Vós, manes do Ferreira e de Miranda e tu, ó Gil Vicente, a quem as graças embalaram o berço e te gravaram na honrada campa o nome de Terêncio, esperai, esperai, qu'inda vingados e soltos vos vereis do esquecimento. Ilustres portugueses, no teatro não negueis um lugar às vossas musas, elas, não as alheias, publicarão de vossos bons avós os grandes feitos que eternos soarão em seus escritos, e podeis esperar paga tão nobre se detestando parecer ingrato lhe defenderdes o paterno ninho e quiserdes com honra agasalhá-las.

221

222

Correia Garção
Teatro Novo
ed. José Camões